

'Presidente da Petrobras tem de saber que quem decide é o líder'

ENTREVISTA

Alexandre Silveira/ MINISTRO DE MINAS E ENERGIA

Apontado como adversário de Prates, ministro diz que novo comando da petroleira deve ter a humildade de saber que a palavra final é de Lula e que União quer mais investimentos em gás, refino e fertilizantes



GERALDA DOCA, RENATA AGOSTINI E MANOEL VENTURA

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, afirma esperar que a nova presidente da Petrobras, Magda Chambriard, tenha "coragem para fazer acontecer" na estatal, após a demissão de Jean Paul Prates. A pauta, diz, não muda: ampliar investimentos em gás, fertilizantes e refinarias.

Discordâncias sobre a condução dessa política levaram Silveira e Prates a ficar em lados opostos, embora o ministro negue que uma disputa entre os dois tenha levado à troca no comando da estatal semana passada. Em entrevista ao GLOBO, Silveira afirma que Lula tomou a decisão de demitir Prates "por um conjunto de questões", e que não haverá solavancos na empresa.

Ele negou que haverá loteamento na diretoria e disse que, se fosse presidente da Petrobras, se preocuparia "pouco em falar para fora" e muito em se relacionar bem com o acionista controlador. Esse conselho, completa, não precisa ser dado à Magda: —Até porque ela lê jornal.

Após ser demitido, Jean Paul Prates escreveu nota interna dizendo que foi comunicado na presença "regozijada" do senhor e do ministro Rui Costa, da Casa Civil. Como viu isso?

Isso nos deixou perplexos. Para deixar claro: não existia disputa entre o ministro de Minas e Energia e o presidente da Petrobras. Todas as vezes que Prates me abordou no intuito de fazer uma aliança, eu sempre dizia: "você está enganado, não tem que tratar isso comigo". O presidente da Petrobras despacha com o presidente da República. A pauta do gás não é do ministro, é do governo. A Petrobras é monopolista dos gasodutos de escoamento no Brasil e precisamos aumentar a oferta. Isso nunca foi prioridade da Petrobras. Espero que a Petrobras entenda.

'O GOVERNO ESPERA DA PRESIDENTE DA PETROBRAS CORAGEM PARA FAZER ACONTECER'

Além do gás, quais pontos geraram divergências?

Não vou chamar de divergência porque ele participou da aprovação pelo Conselho (de Administração) de um plano de investimento. Nesse plano de investimento, nós todos, legitimamente, debatemos investimentos em gás, nas refinarias, nas fábricas de fertilizantes paralisadas. O que sempre defendi de forma contundente foi mudança da política de preço e celeridade para que a gente pudesse, no mínimo, iniciar investimentos em fertilizantes, aumentar a oferta de gás para reindustrializar o Brasil. Pautas óbvias. Todo mundo sabe que pensamos assim.

"Há natural participação do acionista controlador nas decisões, não é intervenção. Se eu fosse o presidente da Petrobras, me preocuparia muito pouco em falar para fora. Eu me dedicaria à gestão da empresa e me preocuparia em me relacionar bem com o acionista controlador. Esse é o desafio"

Mas havia muita disputa do senhor com Prates...

Defendo a pauta do governo numa empresa controlada pelo governo. Isso sempre foi natural na relação entre ministro de Estado e direção da Petrobras. Isso foi mais explicitado, talvez pela circunstância, talvez pela minha forma de ser, de expressar aquilo que penso com contundência.

Houve constrangimento na reunião em que o presidente demitiu Prates?

Constrangimento, não. Não é confortável viver o momento da demissão de alguém. Porém, nenhum de nós tem o direito de constranger o maior líder político do Brasil para fazer parte da sua equipe por quaisquer motivos.

O senhor se refere ao fato de Prates ter pedido a "conversa definitiva" com Lula? Foi o que levou à demissão dele?

Não sei se Prates falou isso. Mas um avião não cai por um motivo só. O presidente tomou a decisão por um conjunto de questões. A Petrobras não vai ter nenhum solavanco. Vai continuar sendo uma empresa altamente competitiva e atrativa para o investidor nacional e internacional.

O que Magda Chambriard fará diferente de Prates?

Uma pessoa que assume a posição de presidente de uma empresa com a complexida-

de da Petrobras depois de conhecer tão explicitamente o que pensa o acionista controlador é porque está disposta a se esforçar para fazer aquilo (que o controlador defende). As mulheres, quando pegam essa missão, o fazem com muito zelo, mas com muita autoridade. Percebi nela disposição, sensibilidade e autoridade para executar as coisas da forma que devem ser executadas. É humildade para ouvir todo mundo e dialogar. Deus nos deu dois ouvidos para ouvir, nos deu discernimento para decidir e nos deu, pelo menos, à maioria, coragem para fazer acontecer. É isso que a gente espera da presidente da Petrobras. A pauta já é conhecida. Não tem nada de diferente do que sempre defendemos. Não há por que se criar instabilidade e expectativa diferente do que está público.

Há possibilidade de comprar de volta as refinarias que foram vendidas?

Não se descarta nada. Não podemos falar em compra de refinaria como se isso não fosse uma relação comercial. Mas as nossas refinarias não podem ficar sucateadas. Ninguém está falando em novas refinarias, estamos falando, no mínimo, em ter as nossas.

O mercado reagiu mal com a leitura de que a Petrobras poderia fazer um retorno ao

passado com investimentos que a fizeram ter prejuízos...

A política que o presidente Lula implementou lá atrás na Petrobras estava correta. A Petrobras ficou paralisada por causa da Lava-Jato. O mercado é percepção, não busca concretude. Quando perde até 10% do valor da empresa, não passa do capital especulativo se movimentando. A empresa recupera. Não haverá sobresalto. Não trabalhamos com a hipótese de alteração do plano de investimento aprovado.

Haverá loteamento de diretorias?

Não existe sequer uma virgula de diálogo desse tipo. A presidenta esteve comigo aqui durante duas horas e meia sem entrarmos em nenhum assunto que se referisse à governança. Ela terá independência para escolher a diretoria. Há natural participação do acionista controlador nas decisões, não é intervenção. Se eu fosse o presidente da Petrobras, me preocuparia muito pouco em falar para fora. Eu me dedicaria à gestão da empresa e me preocuparia em me relacionar bem com o acionista controlador. Esse é o desafio.

O senhor deu esse conselho para a Magda?

Não, até porque ela lê jornal. E sempre dei esse conselho para o Jean. É impossível aceitar um convite pen-

sando diferente de quem te convidou. Não necessariamente precisa estar completamente alinhado, mas tem que ter humildade de saber que quem decide é ele. É o líder quem decide.

Magda conseguirá tocar pesquisa e exploração na Foz do Amazonas?

Os extremos não contribuem. O passar boiada do governo anterior ia levar o Brasil à bancarrota. Outro extremo são ambientalistas radicais que não querem praticar a boa política: a que dialoga e, às vezes, perde e entende que faz parte da democracia. Seria cômodo embarcar num discurso politicamente correto, mas eu faria um desserviço ao país. Não podemos tirar o direito do Brasil de conhecer suas potencialidades no setor mineral e no de petróleo.

Mas o senhor entende que ela levará adiante o projeto?

Ninguém em sã consciência aceitaria um desafio conhecendo a visão do governo, incluindo a do ministro de Minas e Energia, se tivesse visão diferente. Quero acreditar que ela vai, sim, se esforçar e terá meu apoio. Ela vai se esforçar para manter a empresa com credibilidade alta, atrativa para o investidor, mas reconhecendo que a Petrobras não é exclusivamente uma empresa de exploração de petróleo. Ela tem outras obrigações com o investidor e com o Brasil: gás, fertilizante, refino.

E como convencer a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva?

A ministra Marina Silva, nas nossas reuniões, nunca foi textual que é contra. Ela sempre disse que está no lbum sendo analisado tanto quanto outros processos de licenciamento. Não quero acreditar que ela é contra, porque para ser contra alguma coisa tem que ter dados objetivos. E dados objetivos nunca foram colocados.

No meio da tragédia no RS, investir em combustíveis fósseis não vai no contramão da preservação ambiental?

Os projetos são sintetizados. É preciso uma transição energética justa e inclusiva. Ninguém consegue prever em quantos anos vamos abrir mão de combustíveis fósseis.

Há solução para a isenção na conta de luz dos gaúchos?

Pretendo apresentar até segunda-feira. É evidente que quem perdeu tudo não vai ter condição de pagar a conta de energia enquanto não tiver a vida reestabelecida. Se não achar a solução dentro do setor elétrico, tem de achar recursos do Tesouro Nacional.

O senhor já defendeu que parte dos subsídios da conta de luz seja pago pela União. Não teme criar um conflito com o ministro Fernando Haddad por isso?

Não chamo debate de conflito. É uma ideia que levei ao ministro Haddad. Não me sinto confortável em participar de estímulo a qualquer coisa que possa dividir o governo.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 15